

Potiguar que participou da revolta Comunista de 35 vai pedir indenização

Texto Luiz Gonzaga Cortez

A ampliação da Lei da Anistia, recentemente assinada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, através de medida provisória, estendeu os benefícios a civis e militares punidos por atos de exceção desde a década de 30, vai beneficiar o aposentado Francisco Meneleu dos Santos, 84, natural de Areia Branca/RN, preso durante mais de 5 anos por causa de sua participação na revolta comunista de 1935 em Natal. “Eu soube alguma coisa sobre essa anistia, mas não sabia que ela foi estendida aos presos de 35. Mas vou procurar os meus direitos, mesmo sabendo que vai demorar muito sair a indenização”, disse Meneleu que tem 12 filhos e “muitos netos”. Ele soube que tem direito a indenização de até R\$ 100 mil pelo repórter e ficou satisfeito a notícia: “se eu receber, será uma grande ajuda para a minha família; e caso eu não receba, deixarei o dinheiro para os meus filhos e netos”.

Com uma pensão de R\$ 1,8 mil do INSS, Francisco Meneleu dos Santos vive em Fortaleza, onde possui uma pequena fábrica de etiquetas, hoje dirigida por filhos. Talvez seja o único remanescente vivo da chamada “Intentona Comunista de 35” em Natal (o segundo preso político vivo daquele movimento na cidade de Mossoró seria o sr. Francisco Guilherme de Souza, mas a reportagem não o localizou). Meneleu foi preso com 18 anos de idade. Integrava uma classe de trabalhador hoje extinta, tipógrafo, e foi incumbido de montar o jornal “A Liberdade”, redigido pelo poeta revoltoso Otoniel Menezes, nas oficinas de A República, órgão do Estado. Numa noite entre 23/27 de novembro de 1935, o jornal quase pronto, a redação vazia, Meneleu achou um “buraco” na última página. Procurou no chão qualquer coisa que preenchesse o “buraco” e encontrou um “clichê” do Sal de Fructa Eno. Tapou o buraco e mandou rodar o jornal. Depois que a revolta foi derrotada, veio a repressão e a polícia Meneleu e o representante comercial do remédio. Foi um rolo danado.

Meneleu, apesar de nascido em Areia Branca, considera-se mossoroense e sempre vem ao Rio Grande do Norte matar saudades. “Eu gosto muito da minha terra, apesar do que fizeram comigo em 35 os que me denunciaram sem motivo. Esses, os que me ofenderam, os que participaram do movimento e outros companheiros de trabalho, já estão com os ossos brancos. Depois de 35, fui a Mossoró e Natal várias vezes, mas não encontrei ninguém. Eu nunca fiz mal a ninguém, nunca pratiquei um ato de desonestidade. Em 35, não tinha ideal político, não era filiado a nenhum partido”, disse Meneleu, que não guarda mágoa de ninguém.

Ele disse que ia telefonar hoje para a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça para obter informações sobre como proceder para requerer a indenização pelos 5 anos e 6 meses em que esteve preso por motivos políticos. Meneleu passou foi preso em dezembro de 35, na Escola de Artífices de Natal, na Avenida Rio Branco, antiga Escola Industrial. Liberado 30 dias depois, foi para Mossoró, graças a um oficial da PM, Cel. Solon. Após passar quase três anos aguardando decisão do Tribunal de Segurança Nacional-TSN, foi preso em setembro de 1938 na cadeia pública de Mossoró até 1939, sendo transferido para a Casa de Detenção de Natal, onde ficou até meados de 1944. Jovem, como a maioria dos presos, Meneleu fez muitas amizades nas prisões, inclusive com Francisco Guilherme de Souza, sindicalista do Partido Comunista, integrante do Sindicato do Garrancho, que congregava os trabalhadores das salinas e da zona rural oestana. “Apesar de sermos presos, tocávamos violão e saxofone, num ambiente alegre e de brincadeiras. Éramos jovens e não deixávamos a tristeza dominar a gente, não”.

JORNALISTA TAMBÉM

O jornalista Luiz Gonzaga Cortez, que prestou o serviço militar obrigatório no 16 RI, (Batalhão Itapirú) do Exército, em Natal, entre janeiro e novembro de 1968, como soldado, vai requerer os benefícios da recente Medida Provisória, por ter ficado preso durante mais de 60 dias no quartel, devido a apreensão de material “de cunho subversivo” no seu armário, no dia 4 de setembro. O material era: jornais “Mensagem da Fé”, exemplares da revista “Civilização Brasileira”, o livro “Marxismo e Alienação”, de Leandro Konder, e cartas de uma ex-namorada.

Cortez conta que passou o mês de agosto cumprindo detenção por motivos disciplinares (ausentou-se do quartel por mais de 5 dias para participar da Festa de Santana em Currais Novos). “Depois dessa punição de 30 dias, mandava buscar livros e revistas na minha casa, através de três soldados amigos, Eduardo, Ferreira e Wanderley. E esse material era guardado no meu armário. Até que certo dia, por volta das 11h da manhã, apareceu o tenente Oliveira, para revistar o meu armário, sob a alegação de que estava havendo problemas de higiene na companhia. Achei estranho porque até aquela dia não tinha visto um oficial na área de armários dos soldados, vizinhos aos sanitários. Mas quando ele retirou os livros, jornais e revistas do meu armário, a “revista” acabou e me trancafiaram numa sala incomunicável que tinha sido do armeiro. A partir daí, houve interrogatórios com os tenentes Adalberto e Oliveira sobre comunismo, política, governo federal, etc. Suspeitavam que eu fizesse parte de uma célula do partido comunista. Eu tinha pouco conhecimento sobre socialismo, mas tinha amigos comunistas que há meses não os via. Passei setembro, outubro e parte de novembro de 68 numa cela do Corpo da Guarda do 16 RI, onde conheci muita gente boa e vi muitas coisas ruins, inclusive a tentativa da minha retirada da cela por um tal Tenente Martins, que estava armado com um cassetete de borracha, cuja agressão foi evitada pelo alarme e por um tenente baixinho e magro de nome Maynard Santa Rosa. Toda essa história eu vou contar num livro”, disse Cortez. Até o nome do homem que lhe denunciou como comunista, pai de um seu amigo de infância.



www.dhnet.org.br